

# SARNEY OUVI E MUITO.

JORNAL DA TARDE 29 ABR 1969

Para evitar o acúmulo de audiências, a preparação da agenda do presidente interino José Sarney passou a ser feita pelo chefe do Gabinete Civil, ministro José Hugo Castelo Branco. Antes, era organizada por Vera Sabará, secretária que o acompanha desde quando era presidente do PDS, acostuada a sempre "dar um jeitinho" para que mais um político entrasse em seu gabinete. De nada adiantou a importante medida: o primeiro dia de trabalho, desde que anunciou anteontem que "agora o governo vai deslanchar", foi repleto. Ontem o presidente Sarney concedeu nada menos que 15 audiências e falou mais de 50 vezes ao telefone. (Ao decidir pela troca de Vera por José Hugo, Sarney queria tempo para refletir sobre a ação de governo.) Para hoje, serão 19 audiências para 57 pessoas, entre as 7h30 e 18h30. Segundo seus assessores mais próximos, durante os 25 dias em que esteve à frente da Nova República, José Sarney nunca deixou de decidir as questões mais urgentes do governo, como os escândalos dos bancos Sulbrasileiro e Brasilinvest, as greves e a crise para a escolha do novo governador do Distrito Federal. E em nenhum dia deixou de trabalhar por pelo menos dez horas. Mas, a partir de ontem, a rotina de trabalho do presidente interino sofre sensível modificação, ainda conforme seus



assessores: agora, a prioridade das audiências será daqueles que têm questões de governo mais urgentes a resolver. Uma agenda mais tecnocrática e menos política, modificada lentamente, na medida em que os políticos forem deixando de pressioná-lo para as nomeações para o segundo e terceiro escalões ou por questões estaduais. Cargos para o Piauí: esse foi o tema da primeira conversa de Sarney ontem com o deputado Heráclito Fortes (PMDB) e o presidente do Serpro, José Dion Telles, ambos piauienses, durante o café da manhã, às 7h45. Em 30 minutos, recebeu os dois, em separado. À saída, o parlamentar falou que seu Estado "está acostumado a ter cargos a nível de ministro de Estado, e que agora encontro dificuldades até para colocar gente no terceiro escalão. Pedi 50 cargos", contou Fortes. Às 8h45, o presidente Sarney

entrava no Palácio do Planalto. A sua espera estava o ministro-chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes, que nesses 25 dias tem aparecido como o seu mais próximo colaborador. O general o informou sobre o estado de saúde do presidente Tancredo Neves, sobre a situação geral do governo e do País. Tudo em 20 minutos, até a entrada do chefe do Gabinete Militar, general Bayma Denys, por mais de 20 minutos. O despacho com o ministro José Hugo seria um pouco mais longo: de 50 minutos, seguido dos ministros da Fazenda, Francisco Dornelles (30 minutos), da Justiça, Fernando Lyra (30 minutos). Quando o deputado federal Ademir Andrade (PMDB-PA) entrou no gabinete do presidente Sarney, às 11h30, encontrou-o de bom humor, sereno. Recebeu também o ministro Marco Maciel (foto), da Educação. Até o final do dia de ontem, assoberbado de trabalho, Sarney mostrou-se tranqüilo a todos os seus interlocutores. O parlamentar paraense, por exemplo, foi pedir a transformação do ministério extraordinário de Assuntos Fundiários em ministério da Terra, este de caráter permanente. Muito calmo, Sarney respondeu-lhe que decreto semelhante estava pronto há 15 dias, aguardando apenas por uma definição mais precisa sobre a recuperação de Tancredo. E que será assinado em breve.

## OS POLÍTICOS EXIGEM

*Convocação imediata da Constituinte, efetivação do "pacote emergencial" para os próximos cem dias e abandono da política monetarista, passando-se ao combate mais flexível da inflação, que permita a elevação do número de empregos e o desafogo da área social. Estes são os três pontos fundamentais que políticos do PMDB estão defendendo junto ao vice-presidente em exercício, José Sarney, como essenciais para sua legitimidade no cargo e garantia de seu espaço com o respaldo da população.*

*Para que o vice-presidente se fortaleça, terá que saldar os compromissos assumidos pelo presidente Tancredo Neves nas praças públicas, entendem alguns políticos do PMDB de privam da intimidade de Sarney. Eles acham que Sarney não pode mais esperar pelo total restabelecimento de Tancredo, e que a hora de deslanchar é agora, porque, assim que passar essa onda de envolvimento emocional da Nação com a doença do presidente, todos passarão a cobrar ações imediatas do presidente interino.*

*Essa previsão é correta, ao menos no que depender do PDS ortodoxo. Ainda ontem, em Porto Alegre, o deputado Rubens Ardenghi (PDS-RS) reiterou a postura oposicionista de seu partido e garantiu que não será a ausência de Tancredo Neves que os impedirá de cobrar posições de coerência do novo governo. "Passado o trauma do agravamento do estado de saúde do presidente eleito, o PDS voltará a exercer plenamente o seu papel de oposição", avisou Ardenghi, acrescentando já ter críticas a fazer às "contradições do novo governo entre o que prometeu na campanha e o que está realmente colocando em prática". E exemplificou com a questão da nomeação dos prefeitos para as cidades ex-área de segurança nacional.*

### A chave é 86

*Por trás da discussão sobre o apoio político a Sarney (o governador paranaense José Richa, por exemplo, considerou desnecessária a ida dos governadores a Brasília, como propôs Franco Montoro, por entender que o aval "é óbvio"), no entanto, está a questão da Constituinte e da eleição presidencial direta. Se, para o deputado Manoel Costa (PMDB-MG), "só a real democratização do País dará estabilidade política ao presidente interino*



**Para que continuem apoiando José Sarney, querem o começo das reformas. Mas ninguém quer ver "o circo pegar fogo", garante Francisco Weffort (foto).**

*José Sarney", há os que vêem na tentativa de antecipação da Constituinte e da eleição direta o objetivo de desestabilizar.*

*É a opinião do deputado Alberto Goldman (PMDB-SP) e de Francisco Weffort, secretário-geral do PT. Goldman acha que a tese da antecipação da eleição direta à Presidência da República para 86 representa apenas a tentativa de criar uma crise "que só vai servir à reação". E Weffort sustenta que a Constituinte é uma forma melhor do que a antecipação da eleição presidencial se se quer assegurar a estabilidade do sistema.*

*Para Goldman, José Sarney tem de assumir o papel de homem das mudanças e transmitir essa determinação à opinião pública através de medidas concretas como a apuração dos escândalos financeiros, o combate à inflação de forma efetiva e o aumento da taxa de crescimento. Goldman lembra que há um ano Tancredo Neves não tinha essa quase unanimidade de aceitação por parte da opinião pública e que ela só foi obtida por causa do discurso que adotou, o das mudanças.*

*Já Weffort, embora admita que Sarney*

*não tem nem de longe o grau de legitimidade de Tancredo, acredita que as forças políticas, mesmo as que se opõem ao novo governo, vão dar-lhe um prazo: "Buscarão respeitar as circunstâncias. Haverá alguns meses de temporização por parte das forças políticas, pois ninguém quer ver o circo pegar fogo".*

*O ministro Fernando Lyra, da Justiça, diz que "a estabilidade institucional é fruto exatamente daquilo que o presidente Tancredo conseguiu ao longo do processo político. Ele conseguiu a estabilidade pelo consenso que tem e teve durante toda a campanha, já que a sua candidatura correu sem disputa, foi uma candidatura consensual brasileira".*

*Em Belo Horizonte, Manoel Costa disse que, se o impedimento de Tancredo Neves prolongar-se, Sarney, para continuar no cargo, "deve antecipar o calendário da redemocratização brasileira, eliminando toda a legislação autoritária e conquistando a confiança da Nação, que não obteve ao eleger-se vice-presidente. Só apressando a redemocratização ele, conseguirá governar. Se não o fizer, qualquer apoio cairá no vazio".*

*Em Porto Alegre, Lélcio Souza, vice-líder do PMDB na Câmara, antecipou que, mesmo na ausência de Tancredo, a Aliança Democrática iniciará a concretização de seu programa de governo, até mesmo alterando a legislação partidária/eleitoral e preparando a Constituinte para 86. E deu até data para a aprovação das alterações: 15 de maio.*

*Talvez por isso mesmo é que o ministro Aureliano Chaves, das Minas e Energia, admitiu deixar o governo no próximo ano para concorrer a algum cargo eletivo. Não disse qual, se a governador de Minas, senador, deputado federal ou mesmo a presidente da República. Mas deixou claro que está em seus planos ir às urnas: "Sou um político, e um homem público, em princípio, sempre está pronto para disputar eleições". Aureliano disse também não ver possibilidade de desentendimento entre Tancredo e Sarney, se este, durante a interinidade, imprimir um estilo próprio de governo: "São todos homens públicos experientes, e homens públicos experientes e patriotas sabem avaliar a ocasião em que vivem, sem paixões ou exacerbações, com as vistas voltadas para o País. É assim que se vive a vida pública".*